

Cerimônia do Nhemongaraí & Comissão Guarani Yvyrupa Na Tekoa Ka'Aguy Ovy Porã; Inauguração da OPY Em Nova Terra Sem Males - Maricá-RJ - São José do Imbassai



"De tantas coisas que me perguntaram o que era mais importante para os Guaranis, pensei: A Casa de Reza, a OPY!"
Miguel Guarani

Com este trabalho etnográfico, buscamos com o levantamento de demandas da (Aldeia Mata Verde Bonita) Tekoa Ka'Aguy Ovy Porã; apontar os caminhos de realizações e perspectivas dos Guranani Mbya de Maricá. Em Encontro da realização Cerimônia do Nhemongaraí do Milho; As possíveis saídas, demandas, e soluções, foram discutidas pela Comissão Guarani Yvyrupa; Celebração da Inauguração da Casa de Reza Opy, com o tradicional batismos de crianças Guaranis; Consolidação da Terra Sem Males, Mbya, realizadas nos dias, Dois de Agosto de Dois Mil e Vinte Dois. Para realização deste artigo; Usamos como fontes de pesquisa: Entrevistas incloco; filmagens em vídeos do Yuotube da Cerimônia do Nhemongaraí & Comissão Guarani Yvyrupa; monografias; site; livros; Fotos; Laudos e Estudos Antropológicos; Demandas das reuniões com o CEDIND e atuação Jurisdicional.



In memoriam Pedro Oliveira

Quero que vocês plantem frutas, legumes, ervas medicinais, para que em momentos de crise, possamos ter autossuficiência alimentar para todos da aldeia.

Darcy Tupã

APRESENTAÇÃO

Os dados que dispomos de povos indígenas no Brasil segundo o Senso IBGE de 2010; A população indígena no Brasil, está em torno de 896,9 mil aproximadamente. Acredito que esse número está superestimado, uma vez que os pardos e negros são mais de 50% da população brasileira, e que hoje, o pardismo é um campo de disputa tanto para a comunidade preta e indígena. Sabemos que os chamados pardos, é um nome auto referenciado pelos portugueses, para distinguir os bárbaros de pindorama, no processo de colonização. Com relação ao povo e nação guarani, sua localização, apontam estudos, que os guaranis estão localizado mas especificamente em: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Bolívia. Segundo o Conselho Indigenista Missionário A estimativa do da população guarani seja de 225 mil pessoas.

“Acredito muito em Nhandearu (Deus), que nessa passagem pela terra, nos proporciona uma caminhada especial em nossas vidas”.

Darcy Tupã.

“Em nosso país, essa população está em torno de 55.302 índios, distribuídos principalmente nas regiões Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná), Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo) e Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul). Trata-se de uma das maiores populações indígenas do país, representando 10,2% do total de índios em território nacional Espírito Santo) e Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul). Trata-se de uma das maiores populações indígenas do país, representando 10,2% do total de índios em território nacional do Sul, Santa Catarina, Paraná), Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo) e Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul). Trata-se de uma das maiores populações indígenas do país, representando 10,2% do total de índios em território nacional”



Cerimônia do Nhemongaraí & Comissão Guarani Yvyrupa na Tekoa Ka'Aguy Ovy Porã; Inauguração da OPY; Terra Sem Males - Maricá - RJ - São José do Imbassai

Para o povo guarani Mbya, a Casa de Reza é onde são realizados os festejos, cura dos males. Através de cânticos, rezas e fumaça do cachimbo sagrado. A pajé (o) recebe as mensagens de cura para os integrantes da aldeia, através do sopro divino de Nhandaru Ete. Segundo Brighenti: “Os elementos indispensáveis ao tekoa são uma região de mata preservada (necessária à caça, coleta e perambulação), uma área cultivável para as plantações; e, por fim, o espaço social da aldeia, onde ficam as casas de moradia e de reza (opy)”. Daí a busca constante pela Terra Sem Males, onde possam criar seus filhos com comida em abundância, por isso migram constantemente para outro lugar, e depois retornando ao local de Origem. Para Hélène Clastres; A Terra Sem Mal, é antes de tudo um lugar de

abundância: o milho cresce sozinho e as flechas vão também sozinhas à caça. Uma Terra livre, sem proscricões. E a contra-ordem, a plenitude da liberdade. O trabalho e as leis são portanto, o Mal criado pela sociedade”. Já na Cerimônia do Nhemongaraí, todos membros da comunidade, suas famílias, participam da cerimônia na opy'i para escutar ayvu porã dos xamoi kuery e xaryi kuery. E na Opy que acontecem os rituais. A noite todos entram na casa de reza para dançar, cantar e rezar, utilizando o petyngua. Segundo Darcy da Silva - Karaí Nhe'ery, em sua monografia disponibilizado na internet:

[...] É através do petyngua que o xamoi busca a conexão com Nhandaru para obter ayvu porã e também para abençoar todas as pessoas que estão no ritual. E com o petyngua que se

fazem os agradecimentos do dia a dia e também para que seja abençoado o Nhemongaraí, agradecendo todos os espíritos das crianças e dos adultos, que fortalecem o xamoi. A fumaça do cachimbo leva o pensamento das pessoas para yva. Quando se fuma o cachimbo tem que ter xerovia no que se deseja. Precisa enviar a fumaça do cachimbo para o céu e Nhandaru, através disso, terá acesso ao pensamento e assim se alcança a realização, desses desejos. É através do petyngua que se busca o conhecimento sobre a cosmologia mbya. Dessa forma que rituais são praticados nas aldeias. Esses rituais e toda a cultura guarani estão ligados a nhande reko que nós guarani vivemos na tekoa. Todos esses conhecimentos nós adquirimos com xamoi kuery e com xaryi kuery, através

dos ensinamentos na opy'i. Para agradecer a nhandaru, os sábios podem utilizar a palavra aguyjevete dentro da opy'i. Eu não posso falar aguyjevete fora da opy'i. Pode falar aguyjevete para os xamoi kuery e xaryi kuery e quando você busca algum conhecimento dentro da opy'i. Você pede a Nhandaru o fortalecimento da vida, a proteção à nossa família e então agradece com aguyjevete. A palavra que mais utilizamos é ha'evete, que significa obrigado. Se usa quando você agradece a um amigo pela bondade. Não se pode dizer ha'evete para Nhandaru, tem que dizer aguyjevete. (Silva, Darcy, pag. 16 e 17).

Helena Clastres; Tradução Renato Editora Brasiliense 1978

Darcy da Silva - Karaí Nhe'er - NHEMONGARAI: RITUAIS DE BATISMO MBYA GUARANI; Florianópolis 2020



A Comissão Guarani Yvyrupa, é uma comissão formada por lideranças indígenas e não indígenas, cujo o objetivo é levantar as demandas nas aldeias guaranis e buscar soluções, desde no âmbito do poder público, legislativo, executivo e judiciário, sejam na iniciativa privada, e ou mesmo: representações institucionais por meio de associação ou Conselhos, como é o caso do CEDIND, (Conselho Estadual dos Direitos Indígenas do Estado do Rio de Janeiro). Os fluxos guaranis e o movimento guarani, se articulam entre as aldeias é a intensa rede de trocas e fluxos populacionais em rede. É comum encontrar os guaranis, distribuídas por uma extensa região no sul do continente.

“As diversas terras Guarani não estão isoladas, mas interligadas por redes de parentesco e reciprocidade. Os Guarani mantêm entre si estreitas e intensas relações políticas, matrimoniais, religiosas e econômicas. Seus moradores vivem em constantes visitas uns aos outros. A população Guarani, apesar de se fixar durante períodos de até vários anos em determinadas aldeias, circula entre diferentes áreas, e dificilmente se encon-

tram numa família pessoas que não conheçam ou não tenham vivido em outras aldeias”.

Na primeira parte deste trabalho, fazemos breve resumo das discussões na Opy, levantadas em Conferência da Comissão Yvyrupa; Inauguração da Casa de Reza e Batismo e Nhemongaraí do Milho. Na segunda parte deste trabalho, falamos de Diálogos Ancestrais, Puri, guarani e potiguara, ocasião em que a pedido de Darcy Tupã, fomos conhecer Zé Puri, Xiramoy, de grande respeitabilidade na comunidade, onde nos permitiu através de entrevista in loco, conhecer um pouco da sua cultura, saber cosmológico e ancestralidade. Por último: Análise conclusiva com as principais propostas e demandas apresentadas a Comissão Yvyrupa, norteadoras das ações a serem materializadas com luta.

Comissão pró-indio de São Paulo; Guarani Mbya e Tupi.
As trocas e fluxo populacionais: O movimento Guarani.



RITUAL NHEMONGARAI EM MATA VERDE BONITA BATISMO NA OPY & COMISSÃO YVYRUPA 2 a 4/8/22

Nos dias Dois à quatro de agosto de Dois Mil e Vinte Dois, na Aldeia Mata Verde Bonita, em São José do Ibassai, Maricá, realizou-se o tradicional RITUAL NHEMONGARAI (Avxi'i) momento em que celebra-se o milho sagrado para os guaranis, e/ou ritual de batismo do milho. Em dado estante depois do almoço no primeiro dia, fomos convidados adentrar OPY (Casa de Reza), e sentarmos nas cadeiras para ouvir a Cerimônia de Abertura dos Diálogos em Conferência, Yvyrupa. Darcy Tupã, membro da Comissão Yvyrupa, abriu a solenidade Nhemongaraí, convidando todas as famílias guaranis de várias aldeias presentes, lideranças indígenas (Tery) convidados, autoridades para ouvirem as lideranças. Dando início a solenidade. Convidou o Amarildo com o seu (Mbaraka) violão com afinação guarani (o violão guarani, que tem cinco cordas, porque cada corda tem seu significado); E em conjunto com o Coral guarani da aldeia Tekoa Ka'Aguy Ovy Porã, para ouvirmos e cantarmos (opy'i) escutar ayvu porã dos xamoi kuery e xaryi kuery; Atrás (Nhamandu amba) altar do deus do sol, que fica na di-

reção leste, onde nasce o sol; (Nhande kupe oeste), onde o sol se põe (nhande: nosso, kupe: costas) em homenagem (Nhanderu) nosso Pai Supremo, Deus Criador; após a pitada (Petyngua) cachimbo sagrado que traz a conexão para as falas sagradas, é utilizado nas cerimônias e também é utilizado para curar as pessoas. Logo após a saudação do Coral, foi chamada a Cacique Jurema Nunes, para a sua (Ayvu ete) fala verdadeira, que vem do nhe'e. Jurema resumiu a resistência dos guaranis em permanecer em Mata Verde Bonita, lugar que é sagrado para seu povo. Dizendo que a comunidade quer a Titulação Definitiva por parte do poder público da Aldeia Tekoa Ka'Aguy Ovy Porã é o desejo de todos. Fez breve retrospecto as saídas de Camboinhas pra Lá; Do manifesto assinado por todos da aldeia encaminhado as autoridades. E que esperava dos Xondaros e a Comissão Yvyrupa, DPU, DPE, CEDIND, Prefeitura de Maricá, no fortalecimento dos ideais guaranis, e consolidação de políticas públicas, nas áreas de saúde, educação, cultura, saneamento, dentro da aldeia. Agradeceu a presença de todos nos esforços da rea-

lização da cerimônia Nhemongaraí; o batismo de homens e mulheres da aldeia; esperando que tudo ocorra bem por força de Nhanderu ete. Em seguida Darcy Tupã, faz breve retrospecto da chegada na aldeia Mata Verde Bonita, e a alegria de estar neste território, onde cerâmica guaranis, encontravam-se enterradas junto ao Cemitério indígena a mais de três mil anos. “Não acredito, a gente pode morar aqui; vamos construir aqui nossa aldeia? Então, Vamos fazer a reza aqui, e se os nossos ancestrais permitirem, a terra é nossa”, para alívio de todos. “Então foi assim, meia hora depois os parentes saíram correndo por todo canto e dizendo: vamos nos mudar logo pra aqui. A transição de sair de Camboinha pra cá levou um ano. Já tínhamos conseguido tomar Camboinha como área de território sagrado guarani. E no dia 19 de abril, vieram seis famílias. Em quinze minutos que estavam aqui, apareceu Juruá ai em frente, dizendo que era dono daqui. Na nossa chegada mapeamos tudo através de drones e só faltou a assinatura do prefeito de Maricá Quaqua. Em seguida nos mobilizamos para colocar luz, e assim

estamos aqui a dez anos. Aqui neste lugar já temos mortos enterrados aqui. E pra nossa cultura isso é muito importante; pois, na nossa cultura, o que morre é a carne e não espírito. O nosso povo está aqui antes dos colonizadores espanhóis e portugueses. Estive na França recente e estamos em articulação de realizarmos jogos indígenas na aldeia. Soube que estavam fazendo obra em cima no território indígena, fiquei muito preocupado. A prefeitura de Maricá deu alvará para construção o Resort. Eu quero entender? Pois, passados mais dez anos aqui na aldeia; ainda não temos resolvido o problema da água. A CRFB, diz que independentemente de estar codificado, é direito da população: saúde, educação, esporte e cultura. Meu pai antes de ir para onde repousa os mostos, três dias antes, pediu para plantarmos frutas para as crianças, laranja, banana, e outras, para que em momento de crise, possamos ter autonomia alimentar. Tirar os indígenas daqui para fazer Resort para estrangeiro é besteira. Chega de promessas das autoridades dizendo que apoia a cultura, apoia a aldeia, chega”, lamentou.

"Passados mais dez anos aqui na aldeia; ainda não temos resolvido o problema da água"



Luiz Pellon da UNIRIO, disse que não tem certeza, porque teria que perguntar a especialistas do Direito, se "o fato de ter plantações e edificações no território, é o suficiente para o usucapião; pois, o fato de ter mangueira produzindo na aldeia, não é o suficiente", salientou. Toni Lotar contribuindo, argumentou que a prefeitura de Maricá, pediu a FUNAI em 2009, para fazer o estudo. "NA época a Secretaria de Direitos Humanos, Zeidan, que fez o estudo preliminar, da solução; pois temos o poio do CEDIND a própria Comissão Yvyrupa, que está através dos meios jurídicos, provocando o Judiciário para uma solução. Pois não faz sentido dez anos de promessas", acrescentou. Darcy Tupã: "É verdade, aqui não foi invadida, foi prometida, e esse ano, é ano de conquistas", emendou. Em seguida passou a palavra para Miguel Veramirim. "É importante ressaltar que os nossos tiramoy, não estão mas conosco. Antigamente eles saiam por nossos territórios passando as informações, após receberem mensagens na Casa de Reza. Por isso a importância da Comissão yvyrupa, para lutar por nossos direitos aqui. Eu não me adapto morar na cidade, meu espírito não aceita. Eu posso ter dinheiro, mas meu corpo não vai aceitar. Eu vou querer voltar pra aldeia, pois aqui está a nossa saúde. Ainda quanto eu tinha doze anos, perguntaram o que é mais importante para a aldeia, era uma maneira dos tiramoy saber a opinião dos jovens. Fiquei muito reflexivo pensando, será minha família, minha casa, meu filho, meu tio, porque todos são importantes. Depois cheguei à conclusão que era a Opy. Quem vai decidir se vamos ficar aqui é Nhanderu, pois é ele que nós dar saúde, não é dinheiro, é isso", ponderou. Em seguida foi dada a palavra para a Defensora Pública Cristiane Xavier, agradeceu a acolhida por estar aqui na aldeia pela primeira vez. "É muito importante ouvir as falas e os lugar de falas, e que possamos refletir sobre o Brasil que não está na internet, na universidade, rodas de conversas do Juruá, e talvez seja o gargalo para não conhecermos a nossa história.

Porque esse dezanove de abril que aprendemos na escola é muito simples, singular, folclórica, e que não expressa a nossas necessidades. E fico me perguntando: O que as instituições estão fazendo pra essa comunidade? Tem alguma demanda relativo a documentação, água, e outros? Pois entendo que a questão da ancestralidade e direitos indígenas devem ser preservadas. Neste momento do senso, que vai mapear as cidades, os municípios, é um momento importante para o reconhecimento da nossa cultura. Eu trabalho com a população em situação de rua para garantias de direitos, estou aqui otimista para aprender e somar com vocês aqui na aldeia". Em seguida, falou a Dra. Tamires da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, que falou do seu entusiasmo de estar na aldeia Mata Verde Bonita, e que está atuando na área de direitos humanos, e que está aqui para lutar e apoiar todas as formas de conquistas", ressaltou. Em seguida foi dada a palavra ao Júlio Guarani, que fez breve explanação das dificuldades das aldeias, e chamou atenção aos assassinatos no campo e aldeias. "Várias lideranças estão sendo mortas. Além disso o discurso de ódio do governo, influência a violência contra os povos indígenas. Chegamos

ao absurdo de ver ao vivo até da polícia federal agir com truculência, violência, e isso preocupa. Estamos resistindo a discriminação, e continuando a luta. É difícil traduzir essa violência. Chegam até falar que os Cocas dos indígenas tem que está no museu, isso nos entristecem. Mesmo tendo royalties de petróleo em Maricá, vimos as escolas abandonadas, sem material didático, com um município rico. Nós indígenas vimos isso constantemente dentro das aldeias e é o momento da Comissão Yvyrupa, levar nossas demandas", realçou. Com a palavra, Dra. Gabriela da Comissão Yvyrupa, fez uma avaliação das principais dificuldades enfrentadas pelas aldeias guaranis, e da importância da luta. "Começamos no Vale do Ribeira, com mais de trezentas lideranças indígenas discutindo a criação desse nome Yvyrupa, que nos liga a todo esse globo terrestre aqui na terra. E o lugar onde vivemos, te todos os lugares viventes. Criamos um CNPJ, é como estratégias: buscamos financiamentos, elaboração de projetos, contratação de profissionais que traduzam para o mundo Juruá, os direitos das terras guarani. O foco é a Defesa Territorial e Demarcar todas as Terras indígenas. Agente tem um governo que prega um discurso, di-

zendo que nenhum território vai ser demarcado. Agente tem na FUNAI, uma pessoa que está lá pra dificultar a reparação ou fazer garantir a Lei. A FUNAI, desmobilizou internamente os Departamentos Internos, para dificultar as Homologações de Terras Indígenas. E seu papel não está sendo cumprido, como: identificar, delimitar, demarcar terras indígenas; Coordenar e implementar políticas voltadas a proteção dos povos indígenas isolados e recém descobertos; Elaborar ações que visem assegurar a diversidade cultural entre os diferentes grupos étnicos; conservar e recuperar as terras indígenas, no que tange à paisagem, aos ecossistemas e aos recursos naturais e monitorar as políticas que se destinam a seguridade social e a educação escolar indígena. Ou seja: Tudo isso sem andar, sem solução. Durante muitas vezes, os pareceres da FUNAI, são contra os povos indígenas A Terra indígena do Jaraguá, estamos sendo ameaçada, pois querem fazer empreendimento imobiliário que vai impactar a vida dos povos indígenas lá. Só queremos fazer e defender os interesses que está na lei, não é benevolência, mas cumprir o que está na CRFB, artigos 231 e 232, e fazer respeitar.



"Aqui em Mata Verde Bonita, tem estratégias que devemos discutir internamente dentro da comunidade"

Mas qualquer licença, qualquer parecer, tem que ter a consulta a comunidade. Tem que ter a consulta previa e bem estabelecida. E que esse nome Maraey, "Terra Sem Males", é um uso impróprio desse empreendimento. E mesmo sabendo que tem povos indígenas no território, não estão sendo cumprido o protocolo. Então o que exigem além do EIA, o Estudo de Impacto Ambiental, é a consulta a aldeia. Então, tem uma condicionante de consulta aos povos indígenas, porque não estão sendo levados em consideração os estudos técnicos científicos, antropológicos, geológicos, biológicos, do modo de ser indígena. Nós não queremos só Judicializar a luta. Mas enquanto assessoria jurídica aqui nessa reunião na comunidade, é pra saber o que fazer. Existem duas ações civil pública, em andamento que não fala dessa comunidade indígena. Estamos com a DPU, estabelecendo estratégias para garantir os direitos. Não estamos aqui dizendo que o empreendimento tem que sair, estamos querendo ser ouvidos e saber os quais impactos que esse empreendimento vai causar. E aí saber se terá compensação; se vamos sair, se vamos para outro lugar. Mas tem que ter amparo científico. E muito estranho vir para Mata Verde Bonita, e com uma boa relação com a prefeitura de Maricá, os órgãos responsáveis pela questão fundiária não participem. Eu não sou sozinha, é uma equipe de trabalho, administrativa que faz a comissão funcionar" ratificou. Com a palavra Toni Lotar,

disse que chegou a hora da Comissão Yvyrupa, local, se articular. "Precisamos mostrar a prefeitura de Maricá, a situação real, para dotar a comunidade de autonomia alimentar. Não somos contra ninguém, a penas queremos os nossos direitos. Conquanto CEDIND, nós votamos o total apoio a permanência da comunidade Mata Verde Bonita" resumiu. Darcy Tupã, com a palavra, disse que a luta indígena é de todos os povos indígenas. As crianças aqui na aldeias são muito ligada na escola, elas gostam muito. Tem boa merenda, professores, e as crianças gostam. Eu vou em Paraty Mirim, eu vejo uma escola que foi construindo pelos mais velhos, funcionando precariamente, faltando material didático e isso me entristece. Aqui se tivermos água, teremos tudo. Eu fico muito emocionado, mais acredito que vamos conquistar muita coisa ainda", refletiu. Em seguida foi dada a palavra a Reinaldo Potiguara, o mesmo defendeu o direito da permanência dos guaranis em Mata Verde Bonita, e a titulação em definitivo com a demarcação. "É importante ressaltar que os indígenas tem direito o direito a uma qualidade de vida satisfatório; E que as autoridades, a prefeitura de Maricá tem que se empenhar em consolidar a permanência na aldeia. É bom lembrar que os guaranis já estão aqui muito antes dos portugueses e espanhóis conquistarem esse território. E o direito a uma boa qualidade de vida está assegurado na Convenção Sobre Povos Tribais, a OIT 169, ao qual o Brasil

é signatário. E o Juruá com suas leis tentam desconhecer um direito natural, que é anterior a própria constituição deste estado. Estamos falando em uma antítese, em que se sustenta na família, nos Tiramoy, no trabalho coletivo, no respeito ao próximo, a não depredação, poluição, defesa do ecossistema equilibrado. E Isso é o DNA guarani. Essa cosmovisão guarani antecede a escrita do branco, suas leis e costumes. Como disse Pierre de Clastres, em A Sociedade Contra o Estado: A luta do povo guarani ela é natural contra o estado, porque não estamos falando de reis, imperadores, governadores, de gestão pública de estado. Mas de um estado natural, em perfeita harmonia, equilíbrio com a mãe terra. Os brancos estão preocupados no acúmulos de bens, dinheiro e poder. Os povos originários estão preocupados em ter uma vida serena, sadia, com a graça de Nhanderu. Os liberais do governo, falam em estado mínimo, que o estado não tem que ter regulação, mas é só da boca pra fora. Porém, quando estão lá, utilizam o estado para favorecerem suas empresas e seus familiares. E se tem uma Universidade, academia como diz o Juruá. Eu entendo que academia é aqui na OPY, na cada de reza.

"Os brancos tem muito que aprender com o modo de ser guarani"

Reinaldo Potiguara.

**I N S T I T U T O
N H A N D E R E K O
M B Y A G U A R A N I
T E K O A M A T A V E R D E B O N I T A**



"A dor eu já identifiquei aqui. Uma delas é a realização da Casa de Reza. "

E pra mim é muito gratificante estar com os guaranis, aprender, ter a oportunidade desse momento de cura. Almoçar coletivamente, dançar, tomar chá, falar com os mais velhos. Ter a oportunidade de ter um momento de cura espiritual, com a oração do pajé; respirar o ar, andar descalço, ter uma prosa. Tudo isso pra mim, é qualidade de vida e não acumulo de bens. A nossa riqueza é nossa saúde. Não é demais pedir ajuda a prefeitura de Maricá, da sua intervenção, de seu apoio institucional. Percebemos já a presença do estado, através da Companhia de Limpeza; Dos agentes de Saúde; Profissionais de Educação; Segurança pública. Mas o que falta? Em se tratando de administração pública, falta a presença física dos órgãos ambientais, jurídicos para a consolidação do território. E a Comissão Yvyrupa, tem essa tarefa da articulação jurídico político; mas não só isso. Queremos uma troca sadia como cidadão desse país. E essa solenidade do milho; inauguração da Opy, do batismo de nossas criança, pos-



sam nos energizar, e que saíamos daqui uma pessoa muito melhor", agradeceu. Com a palavra Dra. Cristiane Xavier da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, fez uma crítica ao imobilismo para identificar a necessidade da Aldeia Mata Verde. "Vamos saber qual as demandas: Já sabemos que a água é uma delas. Então, precisamos ver a dimensão dos fatos administrativos, sensibilizar as autoridades, para ver o resultado dessa mobilização. Não adianta eu falar várias coisas nesse mundo programático, sem ter certeza das ações concretas. Tenho que chamar o poder

público municipal? Estadual? Temos projetos para buscar recursos, eu não sei? E uma vez não tendo êxito, buscar outras intervenções. A dor eu já identifiquei aqui. Uma delas é a realização da Casa de Reza. O Resort é um complicador e os problemas são diversos, são vários no estado, sabemos disso. Mas a resistência a tudo isso não tem preço, faz parte de uma consciência cidadã. Essa intervenção pra mim já está marcada como referência. Então o que precisamos: precisamos sim de instrumentos de atuação para focar me projetos viáveis nas aldeias. Eu digo: vamos avançar um

passo e depois outro. Como Defensora Pública, eu gosto de realizações. Pensar em solução e é essa força da minha contribuição, sejam: com a Cacique, o poder municipal, a secretaria do Meio Ambiente, o que podemos fazer? Isso é o que meu coração está dizendo", concluiu. Com a palavra Vandelely, da Aldeia Céu Azul de Maricá, agradeceu a Comissão Yvyrupa, e que está sendo articulado uma parceria com a prefeitura de Maricá, um lugar melhor, um espaço para nossos povo. E que um encontro como esse, traz melhorias pra nossas comunidades. Sem a garantia do espaço, do

território, não se tem saúde. Essas palavras dos Tiramoy, sagrada, com união vamos trazer direitos. Está na hora de a gente se organizar, mandar ofício, bater na porta de Juruá, porque tudo tem limites. Eu fecho por aqui minha fala, e espero que façamos a articulação com outras aldeias para consolidar nossos direitos", sustentou. Em seguida, passou-se a Celebração de Inauguração da Casa de Reza, com cânticos de louvor a Nhanduru Ete; Os Xondaros começaram fumar o Petyngua; A pajé em momento de Cura, limpou o território com sua espiritualidade elevada.



Foto: Pagé Lídia Nunes

A pós a oração coletiva, a limpeza da alma, podemos sair da Opy, livre, leve e solto; com a certeza de que os desafios são muitos na saúde, educação, cultura, lazer. Mas como ali também estavam os espíritos dos mortos, do saber dos Tiramoy e a fortaleza dos Xondaros (as). A porta se abriu para que saíssemos. Mas a cerimonia con-

tinuou, pois na Casa de Reza Mbya, um guerreiro fecha a porta. E só é permitido sair depois que os ancestrais autorize e que aconteceu. Depois gentilmente, fomos saindo de fininho, sem prejudicar o ambiente sagrado; com os Xondaros nos levando até o transporte com toda segurança de Nhanduru Ete.

Análise Conclusiva

A Tekoa, Aldeia Mata Verde Bonita, nas palavras da pajé Lidia Nunes, é a Nova Terra Sem Males. Segundo estudos antropológicos de Pablo Antunha Barbosa e Tônico Benites, 2009:

“É Aldeia da Bela Floresta Verde” devido ao mato existente no “Morro do Mololó” e de que todos gostaram muito. Segundo Lidia, as coisas vão ficar muito melhor agora, pois, todos poderão ter sua casa e sua roça. Dizem que ao caminhar pela área, mesmo se ainda não conheceram tudo, encontraram muitos remédios, plantas, frutas e que seguramente encontrarão mais coisas. Comentaram também que o lugar é bom porque tem muitas árvores e porque avistaram os rastros de alguns bichos. Sobre a mata existente no Morro do Mololó, dizem que só vão “usar mesmo para material. Não falta lenha no local. Tem muita lenha e não precisará cortar árvores”

O Local hoje, segundo a Cacique Jurema, tem consenso de todo grupo Mbya, conforme abaixo assinado entregue as autoridades:

“Alguns fatores importantes influenciaram a decisão de cada, e levando em consideração a área, terra boa para o plantio, a escola, a nossa casa de rezá, a oca de artesanato, as moradias que todos tem, e os que não tem, está em processo final, decidirem ficar no local. E mais importante

que foi levado em conta na hora da decisão é que temos o nosso cemitério, que além de ser muito sagrado; Sair das terras atuais significaria remover nossos entes queridos do seu descanso e reviver toda a dor da perda novamente. Então com base em tudo que dissemos nesses dez anos, de nossas vidas, onde tivemos perdas e nascimentos, permanecemos aqui”.

Para Darcy Tupã, estamos tratando de Cemitério indígena cuja a presença guarani consta a mais de três mil anos. E que o convite para permanência ali foi feito pelo Ex prefeito de Maricá, Quaqua, e que a Ex Secretária de Direitos Humanos Zaidam, inclusive solicitou estudos a FUNAI, para a materialização da Aldeia Tekoa Ka'Aguy Ovy Porã. Passados dez anos no local, entre idas e vindas com a administração municipal, falta o Documento comprobatório e definitivo da Titularidade da Terra. Neste sentido, com a Criação da Comissão Yvyrupa, e definições propostas pela comuna guarani Mbya, foram apontados diversas soluções, a começar: 1- Titulação da Terra Onde Encontrasse Aldeia Mata Verde Bonita; 2 -Regularidade da Agua, pois agua recebida em carro pipa, é pouca para todas as famílias; 3- Construção de Escola descente e Contratação de professores para o ensino guarani e português; 4-Saneamento básico na aldeia, pois o que existe são foças; 5- Mudanças para os plantios de

sementes de frutas; 6 - Criação de um Aquífero para peixes; 7- Reflorestamento; 8- Contratação de Médicos e Enfermeiros para o posto de Saúde Comunitário; 9 -Segurança ao Entorno da Aldeia; 10-Proteção da APA, Restinga de Maricá; 11- Mudança da Aldeia Céu Azul, para fazenda com infraestrutura adequada; 12 - Ecoturismo em visitas guiadas para venda do artesanato;13- Coleta de plantas medicinais da APA, para preservação e utilidade; 14 - Cogestão de vendas futuras de produção local de alimentos, com apoio do poder público; 15-Judicialização de Demandas da Comunidade junto ao poder judiciário;16- área de lazer para as atividades esportivas; 17- Parceria público privada para melhorias viárias do local. Segundo Darcy Tupã, as coisas melhoraram muito nesses dez anos, mas ainda falta muita coisa. Em particular disse Tupã: “Gostaria de cumprir o desejo de meu pai, que ao sair ao encontro de Nhanduru, pediu para que plantássemos bananeiras e outras frutas para a autossuficiência da aldeia em momentos de crise” sublinhou. “Esse é o meu sonho”, completou. Os guaranis sabem que viver na terra é um desafio diário, pois, doenças, mortes, violências e destruição, é uma constante. Daí a importância de estar com o coração aberto a Nhanduru Etê; Ouvir os Xeromôy, os mais velhos, pois deles herdamos a educação que é passado de pai pra filho, neto, bisneto, tatarav-



Agradecimentos

Inicialmente gostaríamos de agradecer a comuna Guarani Mbya, Mata Verde Bonita, pela gentileza de estar sempre aberta ao acolhimento; pela permissão das lideranças da Comissão Guarani Yvyrupa, que nos permitiu, interagir, participar, trocar experiências, na Cerimônia, Celebração da Inauguração da Casa de Reza Opy, com o tradicional batismos de crianças Guaranis; na Consolidação da Nova Terra Sem Males, (Tekoa Ka'Aguy Ovy Porã), Maricá. A Cacique Jurema que nos recebeu de braços abertos, sorriso no rosto, em nome da comunidade guarani. A Darcy Tupã, que não mediu esforços para que encontrássemos a cura na Casa de Reza, em momento da celebração e conferência Yvyrupa; Pela possibilidade de conhecermos a comunidade no seu interior; Entrevistar o Zé Puri, figura emblemática, respeitadíssima que nos contou do dilúvio guarani e a chegada em Camboinhas, donde partiram para nova Terra Sem Males em Mata Verde Bonita. A Amarildo da Comissão Yvyrupa, que fez os primeiros contatos para que os Conselheiros do CEDIND, pudéssemos participar da Solenidade Nhemongaraí do Milho e das discussões; do agradável almoço comunitário, tudo com muito carinho. A instituição CEDIND, na sua importância de representação institucional. Aos Conselheiros Indígenas, Aldeados e Contexto Urbano Movimentos Indígenas, Instituições da Sociedade Civil, Governamentais, da Cidade Estado do Rio de Janeiro: A UFRJ/Museu Nacional, UNIRO, UERJ IFCS; Parceiros e Convidados que compõe o CEDIND: (MP) Ministério Público Estadual RJ; (MPF) Ministério Público Federal e (DPE) Defensoria Pública do Estado do RJ; As comunidades Guaranis: TEKOA: Parati Mirim; Itaxi Mirim; Araponga pajé Augustinho da Silva; Maricá, Cacique Jurema, Miguel Veramirim, Darcy Tupã; Rio Pequeno, Cacique Demécio; Aos Aldeados da Aldeia Pataxó Irii (Paraty); Aldeia Vertical Niara do Sol; Aos membros da Aldeia Maracanã. As lideranças indígenas: Márcia Wayna Kambeba; Eliane Potiguara e Sergio Ricardo Verde (GRUMIM), Carlos Tukaño e Niño Vera, presidentes respectivamente pelo apoio nas reuniões do CEDIND; A Comissão de Educação Marize Viera Guarani – Território - Comunicação; Aos Conselheiros de CIEE – Conselho Indígena de Educação Escolar do Estado do Rio de Janeiro, Professor; Algemiros Karai Mirim. Ao Daua José e Dilmar José, etnia puri; A Associação Brasileira de Antropologia. Ao Laboratório GERU MAA/IFCS - Núcleo de Estudos Africanos e Indígenas, Doutora Katiúscia Ribeiro e Dra. Karine Lopes Narahara, Doutoranda Raquel Paris, pelo incentivo aos estudos Africanos e Cosmologia Indígena. Ao (NAE) Negro Estudantes Africanos e da Diáspora, prof. Mauricio Wilson Camilo da Silva e comissão organizadora dos Cursos África e Diáspora, pelos inúmeros cursos realizados na UFRJ/Letras. A NUCORA – Núcleo de Combate ao Racismo e à Discriminação Etnico-Racial da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, pelos trabalhos desenvolvidos na Comissão: Escola Indígena de Alimentos: Toni Lotar (AIAM), Matilde Dias (SEDSODH), Graciela Pabliaro (SES) Dr. André Bernardes; Luiz Pellon (UNIRIO), Izabel Missaglia (UFRRJ), Daniele da Silva de Magalhães Coordenadora NUCORA, Wender Puri e Martha Cavalcanti da UFRRJ pelo apoio indispensável ao trabalho. A Miguel Veramirim, pelas palavras de Sabedoria. Ao Júlio, pelo otimismo e perseverança. A Vanderley da Comunidade Indígena Céu Azul, pela acolhida. A Zé Puri, pelas palavras fraternas. A prof. Luiz Pellon da UNIRIO, pelas caronas em vista as aldeias e estímulo a pesquisa. A Cristiane Xavier, Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, presente na solenidade; ao qual todo momento tentou encontrar um ponto de equilíbrio, de aglutinação de propostas possíveis de realização. Ao professor Edmundo Pereira, de TA1, Introdução ao Estudo de Antropologia Social do Museu Nacional, pelas leituras e estímulo para que eu descrevesse esse trabalho como ferramenta de Lutas; bem como: ao Seminário de e ex. Alunos, na realização e discussões dos preparativos de GTs, em Antropologia Social 2022. Ao Baía VIVA, Sergio Ricardo Verde, Representante do Grumim, pela parceria e trabalho de Campo em visita as aldeias. Aos professores e alunos do CIEP 168, Nova Iguaçu; Em particular a Diretora Valéria T. R. Motta; aos professores: Cleber Siqueira Trancoso – Diretor Adjunto; Professor Mario Thurler – Coordenador do Projeto do CIEP Brizolão 168, Ilda Cavalcante. Pela oportunidade de dialogar sobre a 'Decolonialidade e Epistemologias Locais' em fevereiro de 22; A Asfunrio, Associação dos Servidores da SMDS e Fundo Rio, pela ajuda na edição deste trabalho. A AULA, Associação Universitária Latino Americana, Universidade Indígena e Quilombola pela a representação no CEDIND, e apoio a luta dos povos originários na minha pessoa, Reinaldo Potiguara. As Comunas Indígenas que lutam contra o Marco Temporal, e um país melhor, com a reparação de direito aos povos indígenas do Brasil. As comunidades de Terreiro, pela reafirmação da identidade nacional. A Geru Maa, Núcleo de Estudos Indígena e Pesquisa do IFCS/RJ, pelas reuniões e troca de saberes.

